

OS TERCEIROS CARMELITAS EM SALVADOR: O TEMPO E A PINTURA DOS RETRATOS DOS BENEMÉRITOS

Nívea Maria Leite Mendonça¹

Resumo: No período Colonial, assistimos a difusão de Associações religiosas por todo o Brasil Colonial; e foram elas, as principais responsáveis por garantir, nesta terra, a divulgação da fé, também foram elas as principais promotoras dos ofícios e das celebrações, dentro e fora dos templos, geralmente por elas edificadas e mantidas. Portanto, muitos foram os irmãos beneméritos, provedores e benfeitores que contribuíram efetivamente para com os grupos fraternais, principalmente com a Ordem Terceira do Carmo da Bahia; e como forma de “agradecimento”, os irmãos da Mesa Administrativa encomendavam retratos desses fiéis que mais se destacavam dentro da Ordem. Nosso presente artigo tem como objetivo, observar o templo dos terceiros Carmelita, em Salvador, na Bahia; destacando principalmente, os retratos dos benfeitores, provedores da mesma Ordem, que estão expostos, nesta igreja, isto é, na sala de reuniões da Ordem.

Palavras-Chaves: Ordem Terceira do Carmo, leigos, Bahia

Introdução

Salvador foi à sede do governo da Colônia e sede do Arcebispado do Brasil. Atraindo inúmeros colonos portugueses para as terras recém descobertas, através destes colonos verificamos o surgimento de várias Associações religiosas por toda Colônia. E foram as Associações religiosas de leigos, as principais responsáveis por garantir, nesta terra, a divulgação da fé e da devoção Católica; através das inúmeras as irmandades e Ordens Terceiras, que se estabeleceram nas Capitânicas, principalmente situadas ao longo da Costa brasileira. As Ordens terceiras¹ juntamente com as irmandades foram as principais promotoras dos ofícios e das celebrações, dentro e fora dos templos, também por elas edificadas e mantidas. Portanto, foram muitos os irmãos provedores e benfeitores que contribuíram efetivamente para com os grupos fraternais, principalmente com a Ordem Terceira do Carmo da Bahia, e como forma de “agradecimento” os irmãos, da Mesa Administrativa, encomendavam retratos desses fiéis que mais se destacavam dentro da Ordem. Nosso objetivo neste artigo é observar o templo dos terceiros Carmelita, em Salvador, na Bahia. Como principal destaque para os retratos dos benfeitores - provedores - da Ordem Terceira Carmelita, que estão expostos, ainda hoje, nesta igreja, na sala da “Casa da Mesa”

729

¹ Mestranda em História da Universidade Federal de Juiz de Fora; sob orientação da Professora Dr.^a Célia Maia Borges. Endereço eletrônico (niveajf@hotmail.com), Financiado pela Capes

preservando a memória destes ilustres personagens que contribuíram com a Ordem Terceira do Carmo de Salvador.

A Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Salvador na Bahia

A Ordem Carmelita, ao chegar em terras brasileiras, se estabeleceu nos litorais. O primeiro convento dos carmelitas foi fundado, em 1583, em Olinda (MARTINS, 2009:86) Já 1586, os religiosos da ordem instalaram-se na Bahia, num sítio elevado. A igreja e o convento foram estabelecidos num terreno que se situava fora dos limites primitivos da cidade baiana. Como as edificações de outras ordens religiosas, o terreno onde seria construído tanto o convento dos primeiros como a igreja dos terceiros fora doado por Cristóvão de Aguiar Daltro, (FLEXOR,2010:71) O convento era “ligado” ao “Forte de Santo Antônio Além do Carmo”, construído na segunda metade do século XVII. Um lugar importante daquele território como mostrou em seus estudos Russell-Wood

A posição da cidade do Salvador a dividia naturalmente em duas partes, a baixa e a alta(...) A cidade alta era a zona residencial. Ali estavam o palácio do governador, o colégio dos Jesuítas, os mosteiros beneditino, carmelita e franciscano, a catedral, a Misericórdia, o palácio do Bispo e as casas urbanas dos plantadores de cana ou dos principais funcionários públicos e nobres. Ali também ficavam também as repartições municipais e o Tesouro. A cidade baixa era a zona comercial com armazéns e trapiches. (RUSSELL-WOOD,1981:40)

Vemos que no local que foi construído o convento e igreja da Ordem Carmelita era um lugar privilegiado; verificamos também que a população que ali habitava também era, possivelmente, pessoas abastardas.

Em Salvador, o conjunto arquitetônico dos Carmelitas foi à referência extrema da cidade por muito tempo, dominando a colina, até que no século XIX. O casario se espalhou pelas ladeiras em direção à rua da Vala, que passou a ser conhecida como “Baixa dos Sapateiros”. Por esse caminho se entrava e saía da cidade do Salvadorⁱⁱ. (FLEXOR, 2010:78).

Com o terreno estabelecido, os carmelitas começaram a construção do conjunto (igreja e convento) em 1655. Para levantar a capela mor, os carmelitas obtiveram a doação real, cuja quantia se desconhece. (IDEM 72)

As Ordens Terceiras do Carmo foram instaladas dentro das Igrejas Conventuaisⁱⁱⁱ, por motivos adversos, os leigos construíram igrejas próprias habitualmente anexas àquelas.

Em Salvador, a Ordem Terceira do Carmo foi :

(...) instalada na Bahia em 19 de outubro de 1636, por Pedro Alves Botelho, negociante de grosso trato, sendo aclamado governador Pedro da Silva, seu primeiro prior. Em 1644, com licença do convento, era iniciada a

construção da sua capela em terreno doado pela comunidade e contígua à sua igreja. Só em 1695, entretanto, logrou a piedosa confraria o seu reconhecimento pelas autoridades eclesiásticas, quando foi expedida a bula papal de 21 de dezembro, confirmando a sua instituição, sob o nome de Venerável Ordem Terceira da Mãe Santíssima e Soberana do Monte do Carmelo. (Cf: ORAZEM, 2009/ PREFEITURA DO SALVADOR, 1949: 16).

Após, instalada a Ordem Terceira do Carmo de Salvador, os irmãos passaram para a ereção do templo próprio. Contrataram para isso, artistas que estavam se despontando na época.

A Igreja Católica encontrou nos movimentos artísticos –principalmente o Barroco - os signos visuais e catequéticos que expressavam seu poderio, reforçado na presença de muito ouro para provar a realeza e poder temporal; riqueza de detalhes para mostrar a inteligência e conhecimento; escalas gigantescas para demonstrar ligação com o divino; contrastes de luz e sombra com função pedagógica, reafirmando a efemeridade da existência terrena. (CUSTÓDIO, 2011). Os portugueses que migraram para a nova Colônia, trouxeram seus valores e crenças que além de “ edificarem igrejas, instalaram nos seus altares símbolos sagrados.”(BORGES, 2010). Além de outros símbolos (até mesmo pinturas) sagrados. Como destaca Antônio Luiz D’Araujo “somente a partir de 1650, com as encomendas feitas pela Ordem Terceira do Carmo da cidade de Salvador aos pintores locais, é que teve início um pequeno mercado de pintura para artistas baianos e estrangeiros residentes na Capitania” (ARAUJO,2000:107)

No que se trata do interior da igreja dos terceiros Carmelitas, o altar mor é todo trabalhado e entalhado, e ricamente dourado, foram colocadas no centro a imagem de Nossa Senhora do Carmo, ao seu lado direito a imagem de Santo Elias e no lado esquerdo se encontra a imagem de Santa Teresa D’Ávila e acima no lugar mais alto há a imagem do Cristo Crucificado (ou imagem do Senhor do Bom Fim).

Atualmente, predomina nesta igreja as cores de tom azul e com acabamento em douramento. Não sabemos se estas remetem as originais da época da construção da igreja. Em 1815: “José Teófilo de Jesus executou para a Ordem Terceira do Carmo, de Salvador, serviços de douramento, conforme recibos que se encontram no arquivo da instituição” (ARAUJO, 2000:112). Na nave da igreja tem a composição de seis altares laterais, dos quais se remetem a Paixão de Cristo e no teto, há uma bela pintura mostrando os santos carmelitas (Santa Teresa e São Simão Stock) com Nossa Senhora do Carmo. Porém, nessa mesma igreja,

do Carmo de Salvador, ocorreu no século XVIII (1788), um grave incêndio que danificou totalmente as pinturas originais, que representavam a vida dos santos carmelitas. Com a reforma, novas pinturas foram feitas a partir do XIX (ORAZEM, 2009), encomendadas pelos irmãos terceiros Carmelitas.

A pintura colonial

Durante o período colonial, a forma de arte que se encontrava no Brasil baseava-se numa arte de cunho devocional. Predominando, neste cenário, a arte sacra. Inúmeras igrejas, oratórios e ex-votos nos dão um melhor entendimento desta forma artística encontrada no século XVII e XVIII no Brasil.

Muitos pintores nacionais utilizaram os modelos da arte europeia, por isso, como observou Hannah Levy:

Daí o caráter eclético da pintura colonial, vista em conjunto, e daí também o caráter heterogêneo que se nota freqüentemente nas obras de um mesmo artista. Como modelos europeus – principalmente gravuras – eram de autores e estilos diferentes, só os artistas nacionais de maior talento conseguiram dar a suas obras um caráter de unidade estilística e um cunho todo pessoal. (LEVY,1944: 149)

Dentro deste contexto, o ofício de pintor (também os artistas e artífices) seguiam o modelo português, não só no aprendizado como nas categorias de tipos de trabalhos; e neste ofício somente quem alcançava o estatuto de mestre ao término do aprendizado, era quem executava obras inerentes ao seu ofício, com a abertura de tendas e inserção social nas Ordens Religiosas. (CAMPOS, 367) A Bahia por estar num patamar mais elevado de desenvolvimento comercial e social possibilitou a execução de diversificadas atividades artísticas. (IDEM).

Em Salvador, por ser a sede do governo e sede do Arcebispado no Brasil (Primeiro Arquidiocese fundada em terras brasileira) foi grande a participação de artistas, de origem baiana, alguns vindos de outras províncias e como também de além-mar, estes pintores trabalharam na decoração das construções oficiais e religiosas.

Na primeira metade do século XVIII, já existiam obras pintadas a óleo, infelizmente, muitas destas pinturas foram destruídas ou modificadas com a transformação de novos estilos. (CAMPOS,368). Em Salvador, a partir do segundo quartel dos setecentos, os pintores tiveram trabalho constante com as atividades de culto e devoção das irmandades, como nos

ornamentos para procissões, encarnação e “restauração” de imagens religiosas, assim como, douramento dos objetos de culto, como o próprio templo. (CAMPOS, 369)

Destacamos como principais nomes da pintura baiana o pintor José Pinhão de Matos que atuou em Salvador entre 1726-1733, onde pintou e dourou a sacristia da Ordem Terceira do Carmo, como também o oratório e os painéis dos quadros da Capela da mesma igreja. Também este mesmo pintor, foi requisitado pelo terceiros franciscanos de Salvador para pintar o teto (em caixotões) assim com o douramento e as demais obras de talha da igreja da Ordem Terceira de São Francisco. (IDEM). Outros pintores também se destacaram neste cenário, como foi o caso de Antônio Simões Ribeiro e José Joaquim da Rocha, que lhes são atribuídos o entendimento e uso da pintura em perspectiva aplicada nos tetos das igrejas na Bahia. (IDEM). Já para Levy, os pintores coloniais brasileiros nunca basearam a sua composição sobre a diagonal, como seria lícito conceber, ao representar suas figuras no primeiro plano, oferecendo a vista, no último plano, essa massa arquitetônica. (LEVY,1945:162)

No que diz respeito ao uso do retrato, no período colonial, foi usado principalmente para homenagear pessoas beneméritas, provedores de irmandades (principalmente os benfeitores das Santas Casas), e das ordens terceiras. No entanto, como observou Adalgisa Campos: “sabemos que era costume no período colonial representar pessoas décadas depois de mortas, geralmente pessoas fundadoras de instituições beneméritas” (CAMPOS, 2007). Isso mostra como os retratos tinham como função homenagear tais pessoas que se destacavam nestas fraternidades. O uso do retrato ficava assim restrito a um pequeno grupo

o maior numero de retratos fica, pois reservado e isto quase que exclusivamente a duas categorias de pessoas. A primeira e mais numerosa compreende os indivíduos que ocupa lugar de relevo nas numerosas irmandades ou ordens terceiras como provedores, fundadores membros da mesa administrativa etc. (...) o segundo grupo abrange essencialmente personalidades da administração civil ou religiosa representadas não tanto em função de suas atividades administrativas mas antes como pessoas dadas ao estudo particularmente instruídas e cultas. (...) um terceiro grupo, diferente, por vários motivos dos dois acima citados compreende os retratos da família real portuguesa. (LEVY, 1945:149 e150)

A seguir passaremos a analisar, portanto, o primeiro grupo destacados por Levy.

Os quadros dos irmãos beneméritos da Ordem Terceira do Carmo de Salvador (BA)

Os quadros que retratam os irmãos beneméritos, da Ordem Terceira do Carmo, de Salvador, estão localizados numa sala chamada de “Casa da Mesa”, lugar destinado as reuniões da Mesa Administrativa da Ordem Terceira Carmelita.

Nas paredes se encontram retratos de irmãos beneméritos. São ao todo seis retratos dos irmãos que estão expostos nas paredes. Há ainda neste local, outros três quadros sendo um de Santa Teresa D’Ávila e São João da Cruz e o outro remete a Crucificação de Cristo. Entretanto, dos retratados analisaremos apenas três, por serem os primeiros que foram encomendados.

Os retratos presentes na Casa da Mesa da igreja da Ordem Terceira do Carmo da Bahia foram pintados no século XIX. Não sabemos se os retratos foram feitos após a morte dos retratados. Estes retratos foram encomendados pelos irmãos da Mesa Administrativa da Ordem como forma de perpetuar a importância e a memória destes ilustres benfeitores.

De acordo com Hannah Levy (1945) “o retrato constitui, ao lado da pintura religiosa decorativa, a parte mais numerosa do patrimônio artístico brasileiro colonial. Em muitos conventos e irmandades e, sobretudo, das Santas Casas de Misericórdias, conservam-se ainda retratos de fundadores, benfeitores, provedores e beneméritos” (LEVY, 1945:147). No caso da Ordem Terceira do Carmo de Salvador, vemos os retratos de homens que tiveram destaque dentro da Ordem e, portanto, são conservados até hoje, como símbolo de uma memória para a instituição dos terceiros.

Abaixo analisaremos os quadros de três benfeitores da Ordem Terceira do Carmo de Salvador^{iv}. No primeiro retrato, vemos um irmão benfeitor e um ex-prior da Ordem Terceira do Carmo de Salvador.

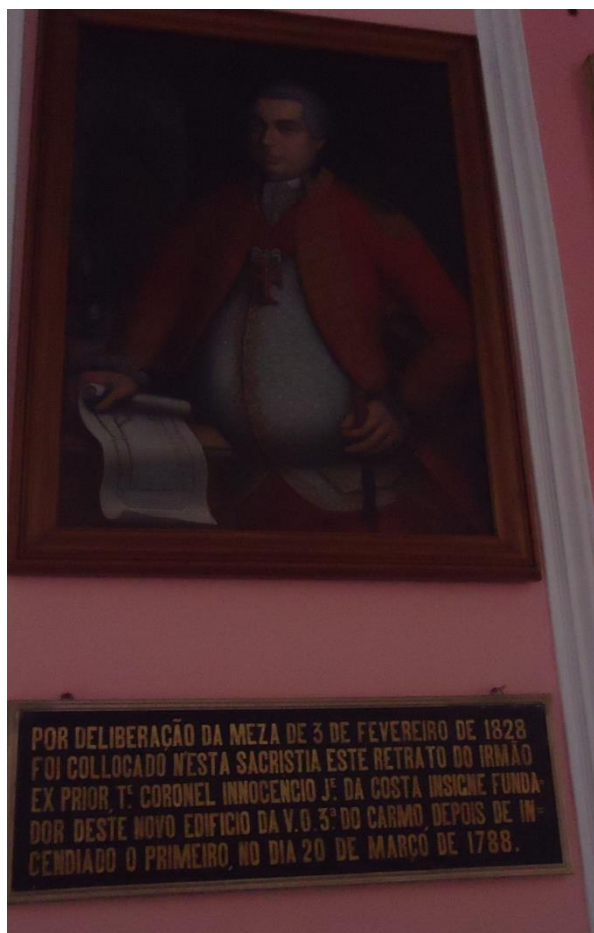


Figura 1) Retrato do Ex-prior da Ordem Terceira do Carmo Tenente Coronel Inocência J. da Costa

Abaixo do retrato há uma placa, explicativa, que mostra o motivo, pelo qual, a Mesa Administrativa do ano de 1828, encomendou este retrato. Como é possível verificar, este irmão e ex-prior foi o fundador do novo edifício da Venerável Ordem Terceira do Carmo, depois do incêndio ocorrido em 1788. A função que ocupava o irmão retratado na Mesa Administrativa era a mais destacada, pois tinha “toda a jurisprudência sobre os assuntos temporais, ainda que subordinado a aprovação da maioria dos irmãos da Mesa.” (EVANGELISTA, 2010: 81) E como destaca ainda a mesma autora que “o irmão Prior eleito por três vezes era jubilado e passava a gozar do privilégio de preceder aos outros nos atos públicos da Ordem, a votar nas decisões da Mesa se lhe aprouvesse” (IDEM) E este irmão, além de ocupar um cargo de destaque na Mesa Administrativa, ele também ocupava um cargo importante na sociedade baiana; Tenente Coronel, isto é, um cargo de alta patente, o que é possível comprovar que na dita Ordem reunia entre seus membros os homens ricos e influentes da Colônia (SALLES, 2007: 79-83). Pois, como mostram estudos recentes que “As congregações de irmãos terceiros absorveram em seus quadros justamente essa parcela de

homens brancos, nobres e oficiais mecânicos, homens abastados e aqueles que viviam de seu trabalho” (EVANGELISTA,2010: 103). Por isso, o mesmo irmão foi retratado usando uma indumentária própria da função que ocupava; “Os trajés são os da época e da condição social a que pertencem os retratados” (LEVY, 151) De acordo com Levy disse que

De um modo geral, todos os fundadores, benfeitores, provedores, etc. são representados de corpo inteiro e de pé. O tamanho, via de regra é de $\frac{3}{4}$ do natural. O retratado é em geral visto de frente, numa atitude calma, quase rígida, em todo caso sem “pose”. As vezes, tem na mão uma carta ou um documento alusivo a doação por ele feita ou a instituição por ele dirigida. (LEVY, 1945:150)

A composição da obra tem os seguintes elementos: o retratado tem sua mão direita, como observou Hannah Levy (1945), uma carta ou documento que poderia ser uma autorização ou a aprovação da construção do novo edifício. Já na mão esquerda, o referido personagem do retrato estaria segurando um “bastão”, numa referência a sua posição “militar” ou sua hierarquia patriarcal.

O olhar do retratado pousa no observador, sem revelar forte agitação (LEVY, 150). No que se trata da composição, ou seja, da distribuição das figuras no espaço juntamente com os arranjos do cenário ao fundo; se observa uma sutil simplicidade. Os retratos estão quase sempre dispostos no centro da tela, em primeiro plano (IDEM: 151). No lado direito podemos observar uma mesa, da qual o retratado se apóia, neste caso, a mesa posta ao lado da figura sugere que a cena se passa no interior de uma casa (IDEM, 162). Ao fundo da mesa, vemos um tinteiro (que poderia ter sido usado para escrever a carta que segura). No fundo do ambiente, que não está bem definido, parece apenas um fundo escuro.

No segundo retrato, que analisaremos também, se trata de um benfeitor da Ordem Terceira do Carmo de Salvador.



Figura 2) Retrato do Benfeitor

Neste retrato vemos um irmão, um ex-prior da Ordem, pois ele segura entre as mãos o livro do Estatuto da Ordem, que era um documento fundador^v, mas este estatuto do qual segura o retratado, pode também ser uma reformulação do mesmo.

Vemos que o retratado está sentado numa cadeira vermelha. O mesmo está vestindo o hábito da Ordem Terceira do Carmo (veste um hábito e uma capa: túnica marrom ou preta e capa cor bege); pois, de acordo com Evangelista (2010)

No ato de vestir o hábito o aspirante a condição de irmão da Ordem Terceira despedia-se simbolicamente da vida mundana. Já o escapulário representa a congregação do Monte Carmelo. O livro é o símbolo da sabedoria, ele guarda a Regra que ordena e mantém a harmonia na Ordem Terceira, por isso devia ser obedecida a partir do instante em que o pretendente ingressa na congregação (EVANGELISTA, 2010: 104)

Ao lado direito se encontra uma mesa, da qual apóia seu braço direito nela, a mesa demonstra que ele está dentro de um ambiente. Em cima da mesa há um livro ou uma bíblia. O fundo da composição se apresenta sob um fundo liso e escuro (marrom), sem indicação alguma de mobília, paisagem, arquitetura etc. (LEVY, 1945: 162) O retrato está disposto no centro da tela, em primeiro plano. O olhar pousado no observador; a atitude é calma, quase imóvel. E o modelado, como também o desenho, mostra-se pobre e bastante duro destituído de suavidade e delicadeza (IDEM: 150 e 151). O personagem tem barbas e cabelos grisalhos.

Nosso último personagem, também pertenceu a Mesa Administrativa da Ordem Terceira do Carmo.



Figura 3) Retrato do prior da Ordem Terceira do Carmo.

Neste retrato, vemos um irmão ex-prior da ordem Terceira do Carmo, esta obra como mostra a placa explicativa, foi uma homenagem da Mesa Administrativa como forma de agradecimento a este notável prior.

No retrato, como é comum verificar a postura simples do corpo, raramente animado por um gesto, corresponde à expressão não menos simples e natural do rosto onde não se vislumbra nenhum sinal de emoção forte e que nos aparece antes sério. (LEVY, 1945:150). Ele está de pé; seu rosto levemente inclinado para a direita, o olhar está direcionado para o lado e seu olhar tem um tom grave; tem barbas, e cabelos brancos. O colorido é vazado em tons sombrios –marrom, preto, bege. Já a aplicação das tintas como observou Levy “A aplicação das tintas faz-se em pinceladas lisas, uniformemente, de modo que se torna difícil distinguir uma pincelada de outra” (IDEM:150). Do ponto de vista da composição, se observa uma extrema simplicidade. O retrato em questão está disposto no centro da tela, em primeiro plano, como é bem característico nestes retratos “coloniais”. A atitude é calma, quase imóvel.

O prior está sendo retratado usando o hábito de irmão terceiro da Ordem. Ele está de pé ao lado de uma pequena mesa vermelha, em cima desta há um tinteiro; o livro de atas da Ordem e sob o livro está depositado a caneta. O retratado a ponta com o dedo indicador direito para o livro de atas; já a mão esquerda segura a capa. O fundo é liso e escuro, sem indicação alguma de mobília, há apenas a mesa que mostra estar no interior de uma casa.



Figura 4) Detalhe do livro de atas; apontado pelo retratado.

Percebemos que os retratos analisados são de ex-priores da Ordem Terceira do Carmo de Salvador, portanto, ocupavam um alto cargo dentro da hierarquia da Ordem. Entretanto, sabemos que era costume no período colonial representar pessoas décadas depois de mortas, geralmente pessoas fundadoras de instituições beneméritas (CAMPOS,2007). Mas, não sabemos se este foi o caso de cada personagem retratado^{vi}. O que sabemos é que estes, retratos, foram feitos a partir de encomendas solicitadas pela Mesa Administrativa da Ordem durante o século XIX.

Conclusão:

A Ordem Carmelita baiana foi e é uma grande referência em Salvador. Os terceiros carmelitas baianos foram verdadeiros “mecenas da arte”, ao lado dos franciscanos e dos irmãos da Misericórdia, incentivando a arte: com pinturas, esculturas, música, etc., e valorizando os artistas locais e estrangeiros.

Os irmãos terceiros do Carmo ajudaram a inovar as artes, já que possibilitaram que se fizesse a pintura de retratos, uma possibilidade até então rara, já que se retratava apenas os reis, ou altas autoridades civis (LEVY,1945). Alguns priores carmelitas foram homenageados com retratos, sejam por um papel importante desenvolvido dentro da instituição como a reconstrução da igreja após um incêndio ou por ter desempenhado função de destaque ou até mesmo ter sido um grande doador para os cofres da ordem.

Disputando com a Santa Casa onde seus benfeitores eram retratados, imortalizados em quadros, os carmelitas baianos foram, um dos primeiros, a homenagear seus priores em

retratos, um costume que se estenderia as outras ordens Terceiras e irmandades do Brasil Colônia.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Antonio Luiz D'. **Arte no Brasil Colonial**. RJ. Revan, 2000

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

BORGES, Célia Maia .**A memória e o espaço sagrado: os colonos e a apropriação simbólica dos lugares**. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 16, n. 2 p. 119-130, 2010

CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org) **Manuel da Costa Ataíde: aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos**. 2ª impressão Revisada. Belo Horizonte, C/Arte, 2007

_____. **A Ordem Carmelita**. Per Musi, Belo Horizonte, n.24, 2011.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **O novo e o velho: mestres e aprendizes na pintura baiana (1790-1850)** Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2007p 367-372(disponível em <http://ler.letras.up.pt/site/geral.aspx?id=3&tit=Lista%20de%20autores&tp=4&a=Campos&n=Maria%20de%20F%C3%A1tima%20Hanaque&ida=2098>) acesso em 04/04/2015.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. **A arquitetura de defesa no Brasil Colonial**. Artigo: Discursos Fotográficos. Londrina, v.7, n-10, p. 173-194, jan./jun. 2011 Acesso em dia: 21/04/13 Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/.../7848

EVANGELISTA, Adriana Sampaio. **Pela Salvação de minha alma: vivência da fé e vida cotidiana entre os irmãos terceiros em Minas Gerais – séculos XVII e XIX**. Tese de doutorado em Ciências da Religião – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG, 2010

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Igrejas e conventos da Bahia**. Brasília, DF:IPHAN/Programa Monumenta, 2010

LEVY, Hannah. **Retratos Coloniais**. In:LEVY, Hannah & JARDIM, Luiz. **Pintura e Escultura I: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional**, 1945

_____. **Modelos europeus na pintura colonial**. Texto originalmente publicado na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 8, Rio de Janeiro, 1944.

MARTINS, William de Souza. **Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (c. 1700-1822)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ORAZEM, Roberta Bacellar. **A presença de Santa Teresa de Jesus em Igrejas de Ordem Terceira Carmelita em Bahia e em Sergipe**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro**: introdução ao estudo do comportamento social das Irmandades de Minas no século XVIII. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007

RUSSEL-WOOD, A. J.R. **Fidalgos e filantropos**: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755 Editora da Universidade de Brasília. Brasília, 1981

i Como define Caio César Boschi, as associações que congregavam os terceiros se “vinculam a uma ordem religiosa, da qual extraem e adaptam regras para uma vida cristã no mundo. Tais, regras, no entanto, devem ser aprovadas pela Santa Sé” (BOSCHI, 1986:19). Essa vinculação a uma Ordem Primeira é que distingue as Ordens Terceiras das demais associações religiosas

ii Atualmente, a Igreja dos Carmelitas em Salvador ainda serve como referência seja para os turistas como para os moradores, já que antigamente era esta igreja servia como delimitação do espaço ocupado, algumas igrejas ao se estabelecerem perto tinham como principal referência a igreja do Carmo exemplo disso são as igrejas: Santo Antônio Além do Carmo e Rosário das Portas do Carmo.

iii Isso não ocorre em Minas Gerais, pois as Ordens religiosas não podiam se fixar neste território que ficavam, geralmente, no litoral, isto é, mantendo uma distância das Ordens Terceiras. A ordem Carmelita se estabeleceu juntamente com seus conventos, primeiramente em Olinda, depois em Salvador, Santos e Rio de Janeiro, dentre outras capitânicas. (CAMPOS, 2011:58)

iv Fontes das imagens: Mendonça. Nívea Maria Leite, tiradas em 2014

v Entre as irmandades era chamado de compromisso; já entre as Ordens Terceiras era chamado de Estatuto. Tanto os compromissos como os Estatutos passavam por uma criteriosa vistoria - civil ou eclesiástica -, antes de sua aprovação; depois de aprovados, as associações religiosas se tornavam legitimadas e eram formalmente reconhecidas

vi Possivelmente, o primeiro retrato analisado deve se tratar de um retrato *pos-mortem*, mas não temos certeza desta informação.